

METODOLOGIA(S): antigas questões, novas demandas e cenários

Diferentes temas atravessam esta conversa: material didático, abordagem e organização de conteúdos, espaço para o ensino, situações de aprendizagem, concepções de avaliação, aluno, professor... esses e tantos outros dão o tom ao que chamamos *metodologia*. Embora esses temas não nos pareçam novos, revisitá-los sob outras lentes pode oferecer oportunidades importantes de ações pedagógicas. Fazer essa reflexão implica pensar nos limites, nas necessidades e na emergência de uma escola que merece ser reinventada, mas que não precisa, com isso, abrir mão de ser um espaço de circulação e produção de saberes.

Entender os contornos do que nomeamos metodologia (ou, se preferirmos no plural, metodologias) exige o reconhecimento de um novo cenário educacional, onde o objeto conhecimento ganha nuances de pesquisa, de tec-

nologia, de situações complexas, que demandam dinamicidade no processo, flexibilidade, diversificação, diferentes leituras de um mesmo fenômeno e diversas formas de expressão, ainda que a cultura escolar seja fortemente marcada pela perspectiva da padronização.

Desse modo, há que se cuidar do que Chevallard chama de *processo de transposição didática*: segundo o autor, o conhecimento científico e as práticas sociais são transformados, no espaço escolar, em objetos de ensino. Essa transposição não ocorre apenas na sala de aula, no momento em que fica caracterizada a ação explicativa do professor. A transposição didática acontece já no processo de seleção e organização do conteúdo, na escolha do material didático (na medida em que as formas de abordagem do conhecimento são definidas) e na elaboração de avaliações.



Ana Paula Batalha*

Nessa direção, podemos pensar a(s) metodologia(s) como uma tomada de posição diante das relações didáticas, a fim de preservarmos a circulação e produção de conhecimento escolar. Considerar essa proposição requer reassumir nosso lugar de professor, ou seja, resgatar a condição de ser aquele que dinamiza o processo de aprendizagem e favorece a autonomia intelectual de seus alunos. Além disso, *ser professor* é manter uma constante inquietude pedagógica, comprometida em pensar o conhecimento como objeto de ensino. Ao tomar essa posição, a sala de aula passa a ser um espaço onde situações-problema são disparadoras de pesquisas e questionamentos.

(...) *ser professor* é manter uma constante inquietude pedagógica, comprometida em pensar o conhecimento como objeto de ensino.

Cabe aqui uma reflexão: ofereceremos aos alunos, em sala de aula, exercícios ou problemas? Os exercícios podem assumir a condição de prática com o fim de desenvolver ou de aprimorar habilidades específicas. Já os problemas tendem a nos colocar diante de uma questão levantada e, portanto, requerem consideração, discussão e escolhas para a tomada de decisões que levem a possíveis soluções. Ao oferecer-lhes apenas um ou outro, só exercício ou só problema, corremos o risco da padronização e, por isso mesmo, de não atender às necessidades de uma sala de aula dinâmica. Retomar os objetivos da aula pode ser um caminho interessante para eleger quando oferecer exer-

cícios e/ou problemas aos alunos. A chance de investigação e a diversificação reinventam a relação, com a aprendizagem ampliando possibilidades de entendimento, bem como a internalização de conhecimentos, na medida em que abre espaço para diferentes observações acerca de um mesmo objeto. Nesse novo cenário, há lugar para os conteúdos, em sua dimensão de instigar o aluno a pensar a respeito e provocar o contato com novos conhecimentos. Assim, o levantamento de hipóteses, a análise de variáveis, a articulação de ideias e a construção de argumentos passam a ocupar lugar de destaque nas relações didáticas.

Nunca é demais lembrar que cada atividade pedagógica tem um potencial diferente e limitações específicas. Dessa maneira, as atividades expressam, de modo privilegiado, nossas concepções de educação. Sobre elas recaem muitos questionamentos, mas pouca ousadia para realizá-las de formas diferentes.

Estamos diante de um cenário educacional em que, conforme Moreira e Candau, 2003, p. 166, “não basta acrescentar temas, autores, celebrações etc. É necessária uma releitura da própria visão de educação. É indispensável desenvolver um novo olhar, uma nova ótica, uma sensibilidade diferente” e, assim, pensar metodologias que priorizem outras relações com o saber. ■

*Orientadora pedagógica e educacional. Consultora da Rede RCE

www.rceonline.com.br